



## GEOGRAFAR EMOÇÕES E CARTOGRAFAR SENTIMENTOS E CULTURA

### “GEOGRAPHIZING” EMOTIONS AND “CARTOGRAPHIZING” FEELINGS AND CULTURE

### “GEOGRAFAR” EMOCIONES Y “CARTOGRAFIAR” SENTIMIENTOS Y CULTURA

**Maria Geralda de Almeida**

Professora Titular da Universidade Federal de Goiás (UFG)

Instituto de Estudos Socio-Ambientais - IESA

E-mail: mgdealmeida10@gmail.com

**Solimar Guindo Messias Bonjardim**

Fundação Educacional Baul Baub

Faculdades Integradas de Jaú - Instituto Superior de Educação - São Paulo

E-mail: sol\_bonjardim@hotmail.com

#### **RESUMO:**

O presente artigo tem como objetivo trazer à luz sobre a geógrafa, professora, pesquisadora Maria Augusta Mundim Vargas e suas principais discussões dentro da Geografia. Para sua elaboração, recorreu-se à produção, à sua atuação acadêmica e ao lattes, além de vivência e compartilhamento das autoras de algumas práticas geográficas com Mundim Vargas. Este artigo é uma singela homenagem a ela, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, e uma reflexão sobre a Geografia, sua trajetória e avanços.

**Palavras-chave:** Geografia Cultural; Pertencimento; Festejos; Emoções.

---

#### **ABSTRACT:**

The present study aims to bring to light about the geographer, professor and researcher Maria Augusta Mundim Vargas and her main discussions within Geography. For its elaboration was used her production, academic performance and lattes, as well as the experience and sharing of the authors about some geographical practices with Mundim Vargas. This study is a simple tribute for her that is part of the Postgraduate Program in Geography of the Federal University of Sergipe and a thought about the Geography, her trajectory and advances.

**Keywords:** Cultural Geography; Belonging; Celebration; Emotions.

---

#### **RESUMEN:**

El presente artículo tiene por objetivo dar a conocer a la geógrafa, profesora, investigadora María Augusta Mundim Vargas y sus principales discusiones dentro de la Geografía. Para su elaboración se recurrió a su producción científica, actuación académica y a su currículo Lattes, además de vivencias compartidas con las autoras en algunas prácticas geográficas. Este artículo rinde un sencillo homenaje a Mundim Vargas, integrante del Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal de Sergipe, y una reflexión sobre Geografía, su trayectoria y avances.

**Palabras clave:** Geografía Cultural; Pertenecimiento; Festejos; Emociones.

## 1 INTRODUÇÃO

Cada geógrafo possui uma identidade singular conferida pela linha de pesquisa que adota, pelo tema no qual mergulha e pela abordagem que marca suas interpretações e análises espaciais. Ela reflete a sua visão de mundo e o seu fazer geografia, que é resultado, também, de um movimento de convívio com autores, diálogos com cientistas diversos que levam o geógrafo a novas reflexões sobre a realidade.

A identidade do geógrafo, portanto, adquire outras facetas, torna-se dinâmica e múltipla neste processo. Por isso, falar sobre um geógrafo, no qual pretende desvelar sua identidade, pode ser via panorama biográfico, incluindo sua obra ou via um fragmento escolhido no qual há o brilho do que o torna destaque na contribuição feita à Geografia.

Escolheu-se para ilustrar esta discussão a professora Maria Augusta Mundim Vargas. Sua identidade é remarcável pela maneira que construiu uma personalidade geográfica ímpar, cujos aspectos luminosos se destacam no último decênio no movimento marcante de produção acadêmica. Ela revigorou suas reflexões nesta ciência após incluir em suas análises uma leitura mais humanista e cultural ao fazer uma cartografia reveladora de sensações, símbolos e significados.

Primeiramente, abordaremos a Geografia tal como os textos de Mundim Vargas são vistos pelos leitores, ou seja, impregnados de sensibilidade, de percepção e de evolução, enfatizando os aspectos teóricos e metodológicos de suas reflexões; posteriormente, será tratada a cartografia tal como Mundim Vargas identificou, uma forma sensível de representar o espaço vivido. Também merecerá um destaque o brilho com que esta geógrafa contagia seus orientandos, membros de grupo de pesquisa e estes tornam-se seus seguidores teóricos e metodológicos. Finaliza-se com a discussão sobre o livro recentemente organizado por ela e ex-orientandos.

## 2 A GEOGRAFIA DA SENSIBILIDADE E DAS PERCEPÇÕES

De fato, os indivíduos são todos seres geográficos quer seres econômicos, sociais e/ou culturais. Isso desperta para novos campos disciplinares para seu entendimento. Claval (1976, p. 52) também nos alerta que o progresso da nova geografia direcionou os “pesquisadores para os fatos da psicologia individual ou coletiva. Levantam-se questões sobre as condições em que as decisões são tomadas”.



Soma-se a este autor também as reflexões de Sanguin (1981, p. 583), para quem a dimensão humanista aporta calor e vida a uma geografia “na qual os modelos informatizados e as teorias geometrizaras tendem dar aos lugares e às paisagens uma ‘allure seca, toda pontuda, toda rude e toda sem atrativos’, como teria dito o Pequeno Príncipe”. Esta geografia humanista é portadora de dimensões que consideram a sensibilidade, o simbólico e os sentimentos.

O sensível/a sensibilidade, em suas diversas modalidades, tornou-se objeto de interesse nas investigações das ciências sociais. No caso da Geografia, sensibilidade é vista como uma dimensão ontológica do espaço. Esta noção ampla nos permite envolver tudo que é relativo à percepção. Há a de se ressaltar o registro sensorial e o registro dos afetos relativo ao vivido: um espaço faz ressoar os valores emocionais, as significações individuais e coletivas quando interpretado por um geógrafo adepto do humanismo e à abordagem cultural. É o caso, como já dissemos, de M. A. Mundim Vargas.

O sensível se situa na interação entre o sujeito e o objeto. A sensibilidade não é subjetiva e nem o objetivo no sentido que não deriva de um puro ato de recepção aos estímulos exteriores e nem o resultado de uma operação de entendimento total até objetivar, neutralizar os dados da percepção. Estudar a sensibilidade na Geografia é estudar as interações entre o espaço e o indivíduo ou um grupo de indivíduos, uma vez que toda sensação faz objeto de uma intelecção pelo pensamento; e o espaço, neste caso, não pode ser apreendido pelo prisma da percepção. Cabe ao autor, em seu texto, transmitir esta percepção da sensibilidade, ou melhor, a emoção presente na imagem perceptiva do lugar.

Embora as Ciências Sociais tenham precocemente se dedicado aos estudos da sensibilidade, na Geografia os ingleses foram pioneiros em se interessarem pela inclusão das emoções. De acordo com Parr (2006), até recentemente, nenhum ramo dedicava-se às geografias emocionais. Para esta geógrafa, contudo, as geografias emocionais envolvem conhecimentos geográficos, escritos com e/ou sobre emoções. Nesse sentido, haveria uma produção significativa na área da Geografia Humana que trata "sobre como as pessoas emocionalmente tornam concretos e perceptíveis o espaço e o lugar". (PARR, 2006, p. 128).

Empreender a interpretação do seu conteúdo cultural requer a aplicação de habilidades múltiplas sob o risco de deixar de explorar como um conjunto de paixões circula, desenhando os mundos frequentados por diversas e distintas pessoas. Cosgrove (1998, p. 96-97) também se manifesta sobre a negligência às emoções na Geografia: “Contudo, na geografia humana parecemos intencionalmente ignorá-las ou negá-las, recusando-nos a explorar como tais paixões encontram expressões nos mundos que criamos e transformamos.”

Este autor criticava o tratamento dado pelos geógrafos às "paixões inconvenientes, às vezes assustadoramente poderosas, motivadoras da ação humana, entre elas as morais, patrióticas, religiosas, sexuais e políticas" (COSGROVE, 1998, p. 96). E isso resultava que, "consequentemente, nossa geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem humana, tendendo a reduzi-la a uma impressão impessoal das forças demográficas e econômicas" (Idem, 1998, p. 97)

Porém, o que significa emoção e no que se distingue do sentimento?

Conforme Filizola (2014), com base em Damásio (2011), é importante assinalar que emoção e sentimento fazem parte de um "ciclo" fortemente coeso, que tem início no cérebro em regiões do córtex do lobo frontal, disseminando-se para outras partes do cérebro e pelo corpo propriamente dito. Por se tratar de um ciclo, o processo retorna ao cérebro, mas, desta vez, para regiões cerebrais diferentes das iniciais e que dizem respeito agora ao sentimento. Ou seja, nesse processo a emoção precede o sentimento, contudo, no ciclo emoção-sentimento, o sentimento segue-se muito rapidamente à emoção. É na sua essência que um se distingue do outro. Na opinião de Damásio:

Enquanto as emoções constituem ações acompanhadas por ideias e certos modos de pensar, os sentimentos emocionais são principalmente percepções daquilo que nosso corpo faz durante a emoção, com percepções do nosso estado de espírito durante esse mesmo lapso de tempo. (DAMÁSIO, 2011, p. 142).

Este autor (2013) ressalta que as emoções são úteis em si mesmas, mas é o processo de sentir que alerta o organismo para o problema que a emoção começa a resolver. O sentir inicia por dar ao organismo o incentivo para se ocupar dos resultados da emoção (o sofrimento começa pelos sentimentos, embora seja realçado pelo conhecer, e o mesmo pode se dizer acerca da alegria). Em face de uma emoção em curso, os sentimentos emocionais correspondem às percepções referentes àquilo que está ocorrendo no corpo e na mente. Assim, o medo desencadeia uma ação como fugir e uma expressão facial ou corporal de terror, e o raciocínio pode ficar mais lento ou mais rápido. Os sentimentos emocionais que aparecem a seguir são, portanto, como pondera Damásio (2011, p. 143), "a percepção composta de tudo o que ocorreu durante a emoção, as ações, as ideias, o modo como as ideias fluem, devagar ou depressa, ligadas a uma imagem ou rapidamente trocada por outra".

As emoções podem ser classificadas em universais e sociais. As emoções universais são elas o medo, a raiva, a tristeza, a alegria, o nojo e a surpresa. Contudo, por influência da cultura, ou da educação, as expressões emocionais podem ser controladas. As emoções sociais, para o autor citado acima (2011, p. 161), "(...) podem ser sociais e, com frequência o são, mas [esse nome] justifica-se



em razão do contexto inequivocamente social desses fenômenos específicos”. Trata-se de: paixão, embaraço, vergonha, culpa, desprezo, ciúme, inveja, orgulho, admiração. Esse grupo de emoções pode ser incorporado a alguma concepção de “educação emocional”.

Pelo menos três abordagens sobre as emoções são possíveis nos estudos geográficos: um estudo das emoções dos geógrafos, uma geografia das emoções como objetos e uma geografia emocional.

A quem compete, no âmbito da ciência geográfica, escrever sobre ou com emoções? Ou como descrever as especificidades emocionais dos geógrafos? É possível, com os atuais instrumentos teóricos e metodológicos, emergir uma emoção da Geografia?

A academia tem se despertado para o componente emocional nas diversas áreas do conhecimento, conforme já o dissemos. Até porque, nos diz Maturana (2009, p. 18), “o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações.

No que diz respeito a escrever com emoção, esta parece ser uma competência que demanda unir a razão com a emoção, isto é, não perder o foco na produção de ciência. Contudo, já se observa uma “virada emocional” nas palavras de Filizola (2014) na Geografia que, além de reconhecer que as emoções ocupam um importante lugar nos trabalhos desenvolvidos, já sinaliza para o papel dos geógrafos interessados em emoções. Conforme Parr (2006, p. 128), importa assinalar que as abordagens são múltiplas, daí a expressão “geografias emocionais”, e elas situam as emoções em uma posição central, e não mais periférica, nas pesquisas geográficas.

No caso de M. A. Mundim Vargas, as geografias emocionais são evidenciadas nos universos produzidos pelas vivências nos lugares, nos pertencimentos, nas construções simbólicas e, principalmente, nas festas, que consolidam territórios e paisagens comandados pelas emoções. Implícita ou explicitamente, uma gama de sentimentos emocionais pode ser sentida.

Sentimentos exercidos sobre um território, por um grupo de pessoas sobre um mesmo interesse, favorecem a consolidação espiritual e a união entre elas. As motivações de alguns grupos dominantes podem ser compartilhadas pela sociedade e fazer emergir sentimentos de amizade e solidariedade ou vingança e ódio.

Persi (2010) reclama a necessidade de os geógrafos saírem de suas zonas de conforto teóricas e de lançar um olhar novo sobre o mundo contemporâneo de tal modo a confirmar o papel dos sentimentos sentidos na conformação de territórios emocionais. Ele afirma que estes “territórios da alma [...] são almejados, consagrados, carregados de valores espirituais, por isso percebidos e

vividos com um fortíssimo componente sentimental” (PERSI, 2010, p. 5).

É o que nos revela Filizola (2014) ao trazer à luz sobre o território festivo de Guajará-Mirim criado com o Festejo do Boi. A paisagem fronteiriça com militarização ostensiva esconde/revela elementos que incentivam emoções diversas, de ambos os lados da fronteira. Bolivianos e brasileiros realizam uma multiplicidade de “encontros” trans-fronteiriços que materializam em um “território emocional” durante o Festejo de Boi. Os sentimentos emocionais unem seres humanos e espaços geográficos em uma relação pessoal, mas que pode se tornar também uma relação em grupos interétnicos.

Por último, uma dimensão característica da Geografia de M. A. Mundim Vargas é a evolução. Esta é uma atitude pela qual os cientistas aceitam abandonar suas teorias, suas crenças geográficas, não para atender a um modismo, mas por crerem e para demonstrar as dinâmicas que animam novas leituras e formas de compreender a realidade.

Formada na geografia positivista, M. A. Mundim Vargas, posteriormente, adotou na compreensão da produção do espaço da geografia crítica, antes da abordagem humanista e cultural. Isso significa que M. A. M. Vargas demonstra estar sempre se dedicando a Geografia, acompanha o movimento, os fundamentos das correntes de pensamento das escolas e se renova para progredir com elas. A evolução é uma percepção construída em função do que existe e tem por destinação, uma eficácia maior na compreensão e explicação do Mundo por meio do filtro geográfico. A vontade de evolução é uma atitude que dinamiza o núcleo comum da Geografia, porém, origina-se somente no desejo que emana do geógrafo.

### **3 CARTOGRAFANDO A CULTURA, O PERTENCIMENTO E OS SENTIMENTOS**

A carta ou mapa contém a marca de seu autor e esta marca é uma referência, uma visão do seu produtor. Nossas criações cartográficas são produtos em um quadro social para um público que as deve poder compreender, utilizar e discutir. Por isso, aquele que lida com a cartografia deve acompanhar as solicitações do tempo e dominar as técnicas para produzir uma representação eficaz e contemporânea. Neste sentido, M. A. Mundim Vargas buscou evoluir e transitou de uma cartografia cartesiana para uma cartografia sensível e mesmo emocional.

Para Rekacewicz (2016, s/p), traduzir um sentimento em uma representação cartográfica é, então, reabilitar a emoção cartográfica. O mapa não é jamais a expressão de uma verdade ou de uma realidade indiscutível, mas, talvez, de uma intenção ou de uma construção intelectual cuidadosamente elaborada. Para criar um mapa, parte-se de uma ideia, há uma “intenção” que



tentamos formalizar sob a forma de desenho. Por esta razão, o mapa é uma imagem assumida da visão pessoal do seu produtor. Assim, as representações cartográficas de M. A. Mundim Vargas adquirem sua identidade.

Há de se ressaltar a elaboração de “mapas falados”, “mapas mentais” utilizados por M. A. Mundim Vargas em relatórios e artigos mais recentes. Criar tais esboços cartográficos é, também, uma maneira de reinserir as pessoas nos mapas pela via de seu imaginário. Isso permite também a manifestação das pessoas proprietárias de suas próprias visões. Não são somente cartas mentais como instrumento para compreender o espaço, mas trata-se de restituir os sujeitos à propriedade de sua visão e de sua imagem.

Ilustram tal visão duas experiências e produções de M. A. Mundim Vargas. A primeira, “Identidade, cultura e o desenvolvimento dos territórios sergipanos: inventário cultural e elaboração de um atlas da cultura sergipana” foi realizada em atenção à demanda da Secretaria de Estado do Planejamento (VARGAS, 2009). Do Inventário Cultural, absorveu a tipologia criada àquela época, que apreende as expressões culturais como i) tradicionais enraizadas; ii) ressignificadas, contemporâneas, assim como o roteiro de levantamento das expressões culturais, instrumento valioso de pesquisa e levantamentos (VARGAS, 2015; VARGAS, DOURADOS E SANTOS, 2015a).

O segundo, “Grandes projetos: possibilidades e desafios de pequenas comunidades costeiras de Sergipe”, realizado no período de 2012 a março de 2015 (2015a), possibilitou a constatação de que a realização de oficinas pode se constituir em instrumento de valorização e reconhecimento do patrimônio construído pelas práticas cotidianas. As oficinas realizadas com crianças e adultos com os títulos/temas “Minha vida no Povoado” e “Minhas Referências” geraram material para: i) banco de dados e acervo do Grupo de Pesquisa; ii) mapeamento das práticas culturais; iii) indicadores de avaliação da socioeconomia; e iv) elaboração de uma cartilha “Patrimônio e identidade: nossas referências”. (VARGAS, DOURADO, SANTOS, 2015b).

Também foram realizadas oficinas, as quais encadearam-se com os seguintes temas: i) Conhecimento; ii) Reconhecimento; iii) Práticas e Vivências; e iv) Pertencimento. Os exercícios dirigidos foram: i) Pesquisa sobre uma manifestação ou sobre pessoas ou fatos relevantes do lugar; ii) Práticas e vivências pessoal, da família e do povoado; e iii) Matriz das expressões culturais (VARGAS, DOURADOS, SANTOS, 2015c e 2015d). E, finalizou-se com um Seminário Integrador, apresentando a dimensão cultural das atividades desenvolvidas pelos jovens participantes e suas famílias. O importante de se ressaltar é ainda a produção de elementos para a consecução de uma cartografia cultural das práticas e vivências.



A retrospectiva permite apreender esse conjunto de instrumentais, consubstanciado na oficina para o Projeto nomeado, apropriadamente, como “metodologia Vargas”. Esse conjunto de atividades possibilita a interpretação sob diferentes “olhares” e sob diferentes leituras. Contudo, a autora adverte que não se espera a sua apreensão como procedimentos que engessem a pesquisa. “Dito em outras palavras, que sejam tomados como norteadores, inspiradores e motivadores para a definição das técnicas e dos instrumentais da pesquisa”, é o seu propósito (VARGAS, 2017, p. 29).

É evidente que a autora manifesta o conhecimento da amplitude do procedimento metodológico de mapeamento das expressões culturais presentes nos conteúdos produzidos nas oficinas. De fato, a “metodologia Vargas” se presta para o atendimento das necessidades e interesses específicos de outros estudos.

Assim sendo, para M. A. Mundim Vargas (2015), a cartografia cultural é tida como expressão viva e múltipla, em constante produção e ressignificação. Ela constitui representações da realidade não somente vivenciada no presente por aquelas pessoas entrevistadas, mas, também, retida em suas memórias e na paisagem. Para ela, a relativa rapidez do procedimento e a expressividade de informações geradas por ele habilita essa metodologia como ferramenta em estudos que considerem a dimensão cultural. Também aqueles que levem em conta as dimensões simbólicas, materiais, históricas e políticas da dinâmica social.

#### **4 OS FESTEJOS ENQUANTO GERADORES DE SENTIMENTOS E EMOÇÕES**

No quesito festas como geradoras de paisagens simbólicas, territorialidades e sentimentos, M. A. Mundim caminhou elegantemente pela sua identificação e seu cartografar. Para a pesquisadora, a festa é plural, apresentando uma dimensão simbólica e outra física. A primeira, aprendida como um ritual, carregada de sentimentos e significados, identificada por um etnógrafo que, ao realizar a identificação, transforma o acontecimento em relato, antes existindo apenas em seu momento de ocorrência, e, depois de inscrito, revelado e consultado constantemente (GEERTZ, 1989). A segunda, uma manifestação cultural geossimbólica relacionada com a identidade do lugar, formando no seu tempo uma territorialidade. Juntas enquanto dimensão simbólica exalam emoções, pertencimentos e reconhecimento dos sujeitos, além de representarem uma realidade do espaço pesquisado (VARGAS, 2014). O geossímbolo, em si, como discute Bonnemaïson (2002), é composto por esses dois entendimentos, é a aproximação das camadas/dimensões que o torna completo.





De acordo com o autor, um geossímbolo é um lugar, itinerário ou extensão que assume uma dimensão simbólica que fortalece a identidade, seja por razões religiosas, políticas ou culturais. O autor entende que o espaço estudado pelos geógrafos é formado por três camadas<sup>1</sup>, sendo a terceira a “camada” cultural, que abriga uma realidade pouco estudada e reveladora visualmente da cultura dos nativos. Essa terceira camada, ou dimensão, é vivida diferentemente nas sociedades, sobretudo no interior delas e transcende o cotidiano, nasce da sensibilidade e floresce na busca de significações. Esse é o espaço geográfico das festas de M. A. Mundim Vargas, um espaço cultural “carregado de afetividade e significações (...) um espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores.” (*idem*, p. 111).

Nesse sentido, para desvelar os sentimentos e emoções das festas, M. A. Mundim Vargas apresenta um balizamento metodológico para seu estudo. Considerando a Geografia Cultural como centro do entendimento, propõe um levantamento etnogeográfico para sua identificação, realizado num primeiro momento, e, num segundo momento, classificação e espacialização das mesmas.

Etnogeografia, como afirma Almeida (2008, p. 332), “busca penetrar na intimidade dos grupos culturais, o vivido pelos homens, concretizado em crenças, valores e visão de mundo.” É a identificação das representações, emoções e significados a partir da entrevista com os atores sociais que constroem a territorialidade das festas e, também, que a vivem em todo seu ápice. Assim, M. A. Mundim Vargas propõe a realização de entrevistas com produtores de expressões culturais, historiadores e idealizadores para compreender a estrutura e mudanças ocorridas na realização das festas. Para cada local, identificou, de acordo com os entrevistados, as festas características de cada localidade. Com as informações, sugere uma cartografia com o material coletado após uma análise e classificação do mesmo.

Para M. A. Mundim Vargas toda festividade pode ser classificada de acordo com sua origem e foco de realização. E mesmo constatando que, na atualidade, as festas passaram por ressignificações, verifica que independente do momento de ocorrência e significado, todas podem ser classificadas. Num primeiro momento, enraizadas ou ressignificadas (contemporânea); e, num segundo momento, em referência, entorno ou outras festas contemporâneas.

Para Vargas e Neves (2011), as manifestações enraizadas são aquelas herdadas e mantidas tal como no passado; já as ressignificadas/contemporâneas são aquelas que apresentam, no seu realizar, variações na composição e na estrutura, como também o novo, tendo atualmente outro significado. As festas de referências são as festas principais, com grande carga religiosa, ligadas a Igreja Católica e que movem, no momento de sua realização, festividades de entorno. As festas de

---

<sup>1</sup> Para mais informações consultar: Bonnemaïson, 2002, p. 109-117.

entorno, como o próprio nome esclarece, acontecem ao lado da festa principal, com menor foco religioso, mas dependendo dessa para acontecer. Em classificação livre seria a festa religiosa e o festejo popular. As “outras festas”, segundo informa, são outras festas - manifestações que ocorrem, sem relacionar-se com os santos ou festas de referência e tampouco com as festas de entorno ou folguedos a eles associados. (VARGAS, 2014).

Essa classificação traduz as dimensões discutidas por M. A. Mundim Vargas e, ao mesmo tempo, revela o estudo do geossímbolo, que evidencia a dimensão cultural, carregada de afetividade e significações, tanto pela identificação da comunidade com a festa como com o território da mesma. Além disso, esse tipo de estudo expõe as possíveis interpretações da identidade de uma dada população, sua cultura, representações e, principalmente, como alerta a autora, o vínculo das práticas culturais com grupos específicos. E, para a compreensão do território simbólico, identitário, é necessário desvelar essas nuances (VARGAS, 2011).

A aplicação dessa classificação e entendimento está presente em dois projetos desenvolvidos pela geógrafa: a pesquisa anteriormente citada, “Identidade, cultura e o desenvolvimento dos territórios sergipanos: inventário cultural e elaboração de um atlas da cultura sergipana”, seu primeiro contato profundo com as festas e a base para a discussão da etnogeografia das festas. Nesse projeto de 2009, realiza uma etnogeografia das festas e manifestações realizadas no Estado de Sergipe.

No projeto desenvolvido, levantou em torno de 3.300 (três mil e trezentas) festas, classificando-as como tradicionais enraizadas ou ressignificadas/contemporâneas (VARGAS, NEVES, 2009). Metodologicamente, considerando a divisão dos territórios de planejamento sergipano, realizado pelo Governo Estadual (2007), foi proposto visitar todas as cidades pertencentes a cada região e nessas, identificar, a partir de três grupos entrevistados (representantes do governo ligados a cultura, historiadores e atores sociais), as festas representativas das cidades, de acordo com a ordem de importância para o grupo. Nesse momento, afirma que a pesquisa realizada evidenciou:

(...) a importância das diversas festas no modo de vida dos sergipanos. Festas de padroeiros com suas manifestações religiosas e profanas, dos ciclos junino, natalino e do ciclo da quaresma, cavalhadas, cavalgadas, danças de roda, carnavais, micaretas, etc. Não seria exagero dizer-se que Sergipe é uma festa, pois que a vida cultural do estado vive em grande medida em torno das festas, sejam elas tradicionais enraizadas ou ressignificadas/contemporâneas (VARGAS; NEVES, 2011, p. 03).



A partir dessa constatação, M. A. Mundim Vargas entende a diversidade e riqueza quantitativa e qualitativa das festas e elege dois ciclos principais para estudo: Ciclo Junino e Ciclo Natalino, pois

A territorialização das manifestações apreendidas mostrou a diversidade dos fazeres e saberes sergipanos, mas dentre elas, as que se referem ao ciclo junino e ciclo natalino são emblemáticas da diversidade, posto que traduzem uma explosão de festas, ritmos e formas. Estão presentes em todos os municípios e caracterizam por um lado a forte religiosidade católica de seu povo. (VARGAS; NEVES, 2011, p. 3-4).

Ao desenvolver o projeto “A Dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe”, em parceria com os pesquisadores Maria Geralda de Almeida (Goiás) e Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Ceará), M. A. Mundim Vargas ressalta, juntamente com os pesquisadores supracitados, que a carência de sistematização e o amplo campo vislumbrado pela Geografia corroboraram para o encontro e o esforço das equipes em se debruçarem sobre a dimensão territorial das festas, que seria o desvelar da terceira dimensão discutida por Bonnemaïson (2002) e a evidência da baixa utilização da cartografia na Geografia Cultural.

Com a dimensão das festas sergipanas, M. A. Mundim Vargas desenvolve a cartografia cultural, anteriormente discutida, e constata a importância da mesma para o estudo cultural. No projeto, as classifica de acordo com seu local de ocorrência (festa de referência, de entorno e outras festas), e época (Ciclo Natalino e Ciclo Junino), enfatizando principalmente o festejo de entrono, ou seja, o popular. Segundo Vargas (2014), as festas populares surgiram em decorrência dos festejos religiosos e se expõem como herança, de geração a geração. São essencialmente ritualísticas, mas, ao mesmo tempo, transgressoras de regras e agregadoras de laços sociais. Mesmo assim, apresentam uma nuance religiosa em sua manifestação.

Misturadas, é difícil desassociar ambas as dimensões. Elas se completam, formando uma verdadeira teia de emoções representativas da realidade estudada. Devido a esse “emaranhado”, as festas estão presentes na aplicação da cartografia cultural desenvolvida pela autora e muito discutida em seu grupo de produções.

## 5 SOCIEDADE & CULTURA: DISCUSSÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS QUALITATIVAS

Mundim Vargas em sua atuação na Universidade Federal de Sergipe aglutina, desde 2004, alunos e pesquisadores no grupo intitulado “Sociedade e Cultura”, grupo de discussão, pesquisa, estudo, local de encontro, de trocas e construção de ideias. Difícil definir precisamente o que é o Sociedade e Cultura sem incorrer em erro. M.A. Mundim Vargas, como citado anteriormente, forma ao seu redor uma gama de seguidores que, nas discussões e andanças com a pesquisadora, absorvem seu conhecimento e sua paixão pela Geografia.

Conforme afirma no livro “Práticas e Vivências com a Geografia Cultural”, o Grupo Sociedade e Cultura, em seu contexto evolutivo, assume os balizamentos de uma Geografia Qualitativa, sem estabelecer uma oposição com a Quantitativa. Apenas assumindo que ambos se integram, visto que as pesquisas se produzem em ambos os sentidos (VARGAS, 2015b). Nesse sentido, nas discussões estabelecidas entre seus membros e mediadas por Mundim Vargas, o grupo foi evoluindo, ajudando seus integrantes nas iniciações científicas, nas dissertações e teses, todos com centro nos movimentos da Geografia Cultural, perpassada pelas emoções introduzidas por Mundim Vargas. Como informa a geógrafa na descrição do grupo, este e suas linhas de pesquisa privilegiam interfaces entre Cultura, Sociedade, Representações Sociais, Sustentabilidade, Turismo, Patrimônio Material e Imaterial; contribuindo com o desenvolvimento de abordagens teórico-metodológicas sobre Território, Manifestações Culturais, Paisagens, Cotidiano, Representações Sociais, Identidade, Percepção, Cartografia e Indicadores Culturais.

Os conceitos discutidos no grupo são fundamentados em Claval (2002) e sua discussão sobre a “volta do Cultural” ao discutir as novas condições da epistemologia e abordagem cultural, não como uma subdisciplina, mas como necessária para o entendimento do mundo atual. Segundo o autor, o objetivo da abordagem cultural é “entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas” (p. 20). Para isso, o autor propõe a observação das novas relações homens/meio ambiente nos locais, no lugar e território, enfatizando o significado do espaço para os indivíduos de maneira a construir os objetos sociais a partir das experiências locais. É nesse entendimento que M. A. Mundim Vargas constrói suas discussões e investigações na Geografia. Pautada nos sentimentos e usando como palco os territórios sergipanos, a geógrafa e seu grupo têm primado nos estudos



culturais “pela pesquisa etnográfica, pela utilização de entrevistas e caderno de campo para registro das observações, sem que sejam relegados os estudos de caso.” (VARGAS, 2015b, p. 21).

Para M. A. Mundim Vargas a pesquisa é um “ir e vir como numa rua de mão dupla, entre a observação empírica e a teoria”, entre discussões e exercícios com inúmeros pesquisadores, planejamentos de pesquisa, discussão de multiprocedimentos e multimetodologias de investigação, como a utilização da observação, diário de campo, pesquisa participativa, pesquisa-ação, pesquisa etnográfica, entrevista, história oral, estudo de caso, análise de conteúdo, análise de discurso, etc. Os encontros, tendo como centro a abordagem qualitativa, com os procedimentos constantemente aferidos para dar confiabilidade à pesquisa, sem desvinculá-la das bases materiais, temporais e espaciais que lhe conferem sustentáculo.

Dessa maneira, M. A. Mundim Vargas, diante do grupo “Sociedade & Cultura” tem se apresentado uma dinâmica formadora e incentivadora de novos pesquisadores, com diversos projetos sendo desenvolvidos em parceria com prefeituras locais ou aprovados por órgãos de pesquisa, desenvolvendo convênio com indústrias e Governo como CENPES/PETROBRAS, Ministério da Cultura, este em parceria com a UFC e UFG, com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe (FAPESE), Odebrecht Ambiental, Fundação de Apoio à Pesquisa e a Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC).

As parcerias/convênios são apenas uma das partes do que o grupo representa. Em seu dia a dia, seus membros participam de congressos e eventos científicos, tanto regionais quanto nacionais e internacionais; organizam e realizam os eventos, Ciclo de Palestras e o Seminário Tempos e Espaços da Pesquisa Qualitativa; em parceria o Simpósio do Encontro Cultural de Laranjeiras e a Jornada de Estudos Arthur Bispo do Rosário.

As pesquisas e discussões do grupo geraram e geram monografias de iniciação científica, dissertações, teses, artigos publicados em diversas revistas e recentemente o livro “Práticas e Vivências com a Geografia Cultural”, idealizado por M. A. Mundim Vargas e organizado em conjunto com seus orientandos e pesquisadores do grupo de pesquisa por ela coordenado.

O livro “Práticas e Vivências com a Geografia Cultural” traduz as atuais discussões e inquietações dos integrantes do grupo Sociedade e Cultura. Este traz discussões sobre os territórios, paisagens, pertencimentos, significados, aspirações e emoções vividas e discutidas pelos pesquisadores à luz da Geografia Cultural. O livro, em sua leitura, traz uma sensibilidade ímpar ao tratar os dados qualitativos, trabalhando com observação, depoimentos e entrevistas de moradores

que vivem em territórios que emanam sentimentos e emoções ligadas a religião, ao Rio e a pesca, aos monumentos e ao patrimônio.

Segundo Vargas (2015), a coletânea presente no livro materializa “as práticas e as vivências de um grupo de pesquisadores que, por nascimento ou opção, elegeram o chão de Sergipe como morada e seus territórios como objeto de estudo. (...) As buscas e angústias teóricas e metodológicas são descortinadas nos textos” (VARGAS, 2015b, p. 11). Os textos, como constatado, refletem, com o auxílio de M. A. Mundim Vargas, as inquietações de você observar o tradicional, o singular em meio ao desenvolvimento, crenças e costumes enraizados no comportamento de comunidades invadidas pela modernidade do mundo atual, que sobrevivem ressignificados ou não nas emoções, práticas e vivências das sociedades, observadas pelos pesquisadores do grupo tão bem conduzido por M. A. Mundim Vargas.

## 6 NÃO CONCLUINDO

Cabe ainda a ressaltar a sua parceria com o Banco local-Banese (Banco do Estado de Sergipe) e o edital ganho da Petrobrás, que lhe permitiu o apoio para colocar a questão cultural em destaque para o planejamento de desenvolvimento do estado de Sergipe. Pela primeira vez houve por parte dos órgãos estaduais o interesse em considerar a cultura. E, pelo diagnóstico e resultados evidenciados por esta pesquisadora, doravante a cultura terá outra dimensão nos estudos e propostas desenvolvimentistas por estes órgãos.

Nossas últimas palavras são para assumir que este texto foi pouco e mesmo inadequado para desvelar a grandeza do fazer geográfico de Maria Augusta Mundim Vargas. O escrito não expressa as qualidades que marcam seus textos e sua inteligência da cultura na leitura espacial. Mas, esperamos ter evidenciado que pela sua identidade marca a Geografia produzida em Sergipe pela valorização dada à abordagem humanista e cultural.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, Ângelo. (Org.) **Espaços culturais – vivências, imaginações e representações**. Salvador: Edufba, 2008. p. 313- 336.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. (Orgs.). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 83-131.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 96-97.



CLAVAL, Paul. **A Nova Geografia**. Coimbra, Almedina, 1982.

CLAVAL, P. “A volta do cultural” na geografia. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, ano 01, n.01, p. 19-28, 2002.

DAMASIO, António. **O Sentimento de si. Corpo, emoção e consciência**. Lisboa, Círculo de Leitores, 2013.

DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FILIZOLA, Roberto. **Duelo na fronteira**: entre a redimensão de uma nova espacialidade e a construção de uma identidade de resistência. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOVERNO DE SERGIPE. **Decreto 24.338, de 20 de abril de 2007**. Cria os Territórios de Planejamento.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PARR, Hester. Emotions, geography and. In: WARF, Barney (Edit.). **Encyclopedia of Human Geography**. Thousand Oaks (Califórnia): SAGE Publications, 2006. p. 128-129.

PERSI, Perés. Geografia edemozioni. Genti e Ivaghitransensi, sentimentie demozioni. In: PERSI, Peris (Org.). Territoriemotivi. Geografi e Emozionale. **V Convegno Internazionale sui Beni Culturali Territoriali**. Fano (Itália), 2010. p. 5-6.

REKACEWICZ, Philippe et TRATNJEK, Bénédicte. «**Cartographe les émotions**» *Carnets de géographes* [Enligne], 9. 2016, mis en lignel e 20 décembre 2016, consulte le 24 décembre 2017. URL: <http://journals.openedition.org/cdg/687>

SANGUIN, Andre-Louis. La géographie humaniste ou l'approche phénoménologique des lieux, des paysages et des espaces. **Annales de Géographie**, t. 90, n. 501, 1981. pp. 560-587.

VARGAS, Maria Augusta M. Desvelando Heranças, Tradições e Práticas de Jovens de Japarutuba/SE-Brasil. **Revista Cerrados**. Montes Claros, v. 15, n. 1, p. 03-29, jan/jun-2017.

VARGAS, Maria Augusta M. (Coord.). **Grandes projetos e identidades locais**: possibilidades e desafios das pequenas comunidades costeiras. Relatório final. Convênio: CNO/FAPESE/GRUPO DE PESQUISA SOCIEDADE E CULTURA/UFS. Aracaju: UFS, 2015a, 59 p.

VARGAS, Maria Augusta M.. Introdução: Práticas e Vivências com a Geografia Cultural. In: VARGAS, Maria Augusta M.; DOURADO, Auceia M.; SANTOS, Rodrigo Herles dos. (Orgs.). **Práticas e vivências com a Geografia cultural**. Aracaju: EDISE, 2015b. p. 11-22.

VARGAS, Maria Augusta M.; DOURADO, Auceia M.; SANTOS, Rodrigo Herles dos. (Orgs.) **Patrimônio e Identidade**: nossas referências. Aracaju: EDISE, 2015b.

VARGAS, Maria Augusta M; DOURADO, Auceia M.; SANTOS, Rodrigo Herles dos. (Orgs.). **Práticas e vivências com a Geografia cultural**. Aracaju: EDISE, 2015c.



VARGAS, Maria Augusta M. **Cartografia cultural**: patrimônio cultural e identidade dos jovens do município de Japarutuba/SE. Aracaju: Instituto Banese. 2015d.

VARGAS, Maria Augusta M. **Mapeamento das identidades culturais e diagnóstico participativo**. Relatório. Projeto Japarutuba em rede: juventude cultura e cadeias produtivas. Aracaju: UFS, abril 2015, 98 p.

VARGAS, Maria Augusta M. Festas patrimônio: os ciclos junino e natalino de Sergipe. In: **Revista Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, 2014, p. 252-273.

VARGAS, Maria Augusta M. Território de identidade nos territórios de planejamento: heranças e construções em Sergipe. In: **Revista ANPEGE**, v. 7, n. 1, 2011, p. 99-109.

VARGAS, Maria Augusta M.; NEVES, Paulo S. da Costa. Olhares Sobre Identidade e Festas em Sergipe. **Revista Geográfica de América Central**. Heredia, Costa Rica: Universidad Nacional, vol. 2, pp. 1-15, julio-diciembre, 2011.

VARGAS, Maria Augusta M.; NEVES, Paulo S. C. **Inventário Cultural dos territórios sergipanos**. Relatório. Aracaju: Seplan, 2009, 171p.

